



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 4, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

**EIXO 4 - EDUCAÇÃO E CULTURA. EDUCAÇÃO, INTERCULTURALIDADE.
DESCOLONIZAÇÃO DO SABER. EDUCAÇÃO E RELIGIÃO.**

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <https://doi.org/10.29380/2020.14.04.03>

Recebido em: **01/09/2020**

Aprovado em: **02/09/2020**

IDE POR TOOD MUNDO: A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS E SUA EXPANSÃO PARA
MOÇAMBIQUE GO BY TOOD WORLD: THE CHURCH ASSEMBLY OF GOD AND ITS
EXPANSION INTO MOZAMBIQUE GO BY TOOD WORLD: LA ASAMBLEA DE LA
IGLESIA DE DIOS Y SU EXPANSIÓN EN MOZAMBIQUE

LAILA FERREIRA XAVIER

<https://orcid.org/0000-0002-6379-3234>

JOCENEIDE CUNHA DOS SANTOS

<https://orcid.org/0000-0002-7728-676x>

RESUMO: Ao longo dos anos a Igreja Assembleia de Deus foi crescendo como instituição religiosa de seguimento pentecostal no Brasil, se fixando em um curto espaço de tempo em quase todos os Estados brasileiros, através do processo evangelístico. Esse aspecto posteriormente contribuiu para a expansão para outros países, como o caso de Moçambique que se tornou lugar de rota para os missionários assembleianos. Esses viam o continente africano com um olhar colonizador, tendo em vista as poucas informações sobre o continente, e a forma pejorativa como era transmitida essas informações. O presente trabalho analisa as estratégias desses missionários para a propagação de sua fé em Moçambique, tendo em vista o contexto de diversidade religiosa do país.

ABSTRACT: Over the years the Assembly of God Church has grown as a religious institution of Pentecostal following in Brazil, settling in a short time in almost all Brazilian states through the evangelistic process. This aspect later contributed to the expansion to other countries, such as Mozambique, which became a place of route for the missionary assemblies. They saw the African continent with a colonizing gaze, given the little information about the continent, and the pejorative way this information was transmitted. The present work analyses the strategies of these missionaries for the propagation of their faith in Mozambique, in view of the context of religious diversity of the country.

RESUMEN: A lo largo de los años la Iglesia de la Asamblea de Dios ha crecido como una institución religiosa de seguimiento pentecostal en Brasil, asentándose en poco tiempo en casi todos los estados brasileños a través del proceso de evangelización. Este aspecto contribuyó más tarde a la expansión a otros países, como Mozambique, que se convirtió en un lugar de paso para las asambleas de misioneros. Vieron el continente africano con una mirada colonizadora, dada la poca información sobre el continente, y la forma peyorativa en que esta información fue transmitida. En la presente obra se analizan las estrategias de esos misioneros para la propagación de su fe en Mozambique, teniendo en cuenta el contexto de la diversidad religiosa del país.

Introdução

A Igreja Assembleia de Deus, fundada em 1911, se expandiu de forma rápida, tanto no país como no âmbito internacional, e o Continente africano, se tratando de um continente de disputa religiosa, se tornou um lugar de rota dos missionários assembleianos. Traremos de alguns aspectos das missões em Moçambique, país que atraiu os olhares da instituição, provavelmente pela facilidade na comunicação, tendo em vista que o idioma oficial do país é o Português. A convenção baiana foi uma das que tiveram seu olhar voltado para Moçambique, mesmo que não se sabe ao certo quando foi que o continente africano se tornou alvo das missões assembleianas, o que podemos afirmar é que a partir dos anos de 1990 é que se tem uma documentação mais precisa sobre o preparo e envio de missionários para o continente, uma vez que o jornal da instituição *Mensageiro da paz* e os relatórios missionários que se tem acesso remonta para esse período, mesmo que é sabido que a Igreja da enviava para o continente missionários anterior a essa década pouca são as informações encontradas.

Esse artigo traz alguns resultados do projeto de pesquisa que busca analisar como se deu o processo de preparo e envio dos missionários, bem como as estratégias desses missionários no campo. Em um primeiro momento trataremos da chegada dos missionários no Brasil, em seguida da Assembleia de Deus também aqui no Brasil, seguido de alguns elementos da trajetória de Itamar Fernandes incluindo a sua formação e da sua missão. Pretendemos pensar esses elementos no ensino de história da África bem como ensino de história das religiões e para isso precisamos pensar a missão e seus limites.

Alguns pensadores da educação nos evidenciam como é importante ensinar elementos que interessam aos estudantes, para isso se faz necessário ouvi-los duas demandas e perguntas. Bell Hooks nos mostra a necessidade de ouvir os alunos e pensar com eles, teorizando com eles e pensando sobre nossas práticas. (HOOKS, 2013) Pedro Demo nos mostra como é importante ouvir as crianças no processo de educação e que as instituições devem ser mudadas, para que professores deixem de ser conteudista e ouçam mais as suas indagações e dos estudantes. Usando as palavras de Rubem Alves “Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva”, (ALVES, 2004,20) afeto que é construído na escuta, no vivenciar. Lembramos que segundo os dados do DATAFOLHA, 31% da população brasileira se auto denomina evangélico e/ou protestante das mais diversas denominações religiosas. Esse dado se aproxima das estimativas do IBGE. E nos perguntamos se trazer elementos desse cenário não seria uma forma de construir uma experiência de afeto com esses estudantes. (BALLOUSSIER, 2020; 50%, 2020)

Pensando sobre a aplicabilidade da lei 10639/03, Nilma Lino Gomes nos mostra como o silêncio nas escolas sobre os temas referentes as populações negras é uma característica do racismo. A lei 10639/03 provoca mudanças curriculares e um diálogo intercultural, que pressupõe a existência do outro. Outro aspecto é um repensar a formação de professores, com novas epistemologias e por fim decolonizar o currículo para que a história de negros no Brasil e suas culturas, bem como a história dos africanos chegue na sala de aula. (GOMES, 2012) Hernandez ao refletir sobre a docência da história da África também conclui que é necessário descolonizar o currículo para que esses conteúdos possam ser ensinados de fato (HERNANDEZ, 2016).

Dessa forma queremos pensar nas missões como uma possibilidade de ensino de história da África. E para entender essa expansão e as estratégias de missão foram utilizados os relatórios de missão que são enviados pelos missionários para as igrejas que os enviou, que funcionam como uma prestação de contas, que em sua maioria ocorre de forma mensal. Com isso as igrejas são atualizadas do que está ocorrendo no país em que o missionário se encontra. Nos mesmos relatórios são narradas as experiências no campo, bem como a “batalhas espirituais” vivenciadas pelos missionários, tendo em vista necessidade que existe de apresentar o Continente como um “país amaldiçoado”, e assim, necessitado do trabalho missionários. Outra fonte utilizada são os jornais *Mensageiro da paz* em que

as matérias sobre o que acontecia no campo missionários é apresentado aos membros da igreja, que são os assinantes do jornal. Os jornais trazem testemunhos de conversos, situação política e religiosa dos países onde tem uma missão instalada. Também trabalhamos com as redes sociais dos missionários, tendo em vista o fluxo de informação publicadas por esses missionários todos os dias, seja através de vídeos, imagens ou reflexões, o que contribui para pensar o dia a dia desse sujeito no país em que foi inserido. Dentre as redes sociais temos o Youtube também utilizada pelos missionários que postam vídeos narrando suas experiências, seus cultos, e testemunhos de pessoas convertidas.

A partir dessas fontes foi utilizado o método de Análise do discurso de Fiorin (2002), contribuindo para analisar os documentos de forma mais detalhada e sucinta, facilitando a compreensão de como se desenvolveu as missões em Moçambique. Foi aplicado também a análise textual e o método indiciário, que auxiliou no mapeamento das estratégias de conversão desenvolvidas pelos missionários assembleianos.

No entanto, o que chama atenção é a forma como Moçambique é representada pelos missionários, como um lugar precário, sedento e necessitado de ouvir sobre o evangelho, uma visão que remete muito ao imaginário colonial, em que o indivíduo precisava adotar uma religião cristã, e sozinhos sem auxílio os moçambicanos jamais alcançaria um relacionamento com o Deus Cristão. Dessa forma o missionário assume uma função de mediador entre esse moçambicano e Deus, tendo em vista que para eles essa relação não aconteceria sem esse processo mediador. E esse olhar pejorativo não se restringe a Moçambique, mas se aplica a todo o continente.

Para entender o processo de expansão da Assembleia de Deus se faz necessário compreender que igreja é essa que se consolida no Brasil através de estrangeiros suecos, que chegam ao Brasil com uma teologia avivalista estadunidense, iniciando a primeira onda pentecostal no Brasil com maior repercussão e que rapidamente se espalha como resultado do seu trabalho evangelístico. Em seguida trataremos do processo de formação desses missionários, e a nossa referência foi o exemplo de formação de um missionário negro baiano, enviado para o campo missionário em 1997 pela cidade de Feira de Santana, também baiana, em que o mesmo mostra as condições em que os missionários eram formados naquele momento.

APONTAMENTOS DA FUNDAÇÃO DA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL

No dia 19 de novembro de 1910, chegavam ao Brasil dois suecos, Adolph Gunnar Vingren e Daniel Gustav Högberg, ambos da Igreja Batista nos Estados Unidos, sendo batizados pelo Espírito Santo em uma convenção em Chicago. Na narrativa da própria Igreja, os missionários suecos vieram para o Brasil sem nenhum amparo denominacional, na esperança de que Deus desse direcionamento. “Depois eles seguiram o seu caminho. Em todo tempo esperavam que Deus os guiassem. Chegaram em um parque e se sentaram em um banco. Orando a Deus, pedindo a sua ajuda e direção”. (ARAUJO, 2014. p. 03).

A memória dos fiéis da Assembleia de Deus aponta que os jovens conduziram suas vidas missionárias baseadas em uma profecia que os conduziram ao Brasil, especificamente ao Pará. Os primeiros membros da Igreja afirmavam que os missionários não vieram ao Brasil para fundarem uma nova igreja, mas sim para apresentar o que estava acontecendo nos EUA, o movimento avivalista, e ensinar sobre o Batismo com Espírito Santo. Dessa forma, o surgimento do mesmo é resultado de uma onda de acontecimentos. E aqui teríamos uma primeira imposição de valores e de um modus de ser cristão protestante estadunidense sobre os brasileiros. Novamente expropriando valores, conhecimentos e sentidos dos povos colonizados como os europeus fizeram em tempos de outrora como apontou Quijano. (QUIJANO, 2005)

Com o intuito de se estabilizarem no país, um missionário, o Berg trabalhava, enquanto seu

companheiro aprendia o português, e a noite ensinava o outro. “Berg, o robusto operário qualificado que fazia longas viagens pelo interior; Vingren, o ‘intelectual proletaróide’ na tradição judaico-puritana” (FREESTON, 1994. p. 79).

A presença dos suecos, que no início gerou grande admiração e curiosidade, decorrente ao movimento pentecostal que eles pregavam, resultou na expulsão de alguns membros da igreja Batista que acreditavam no que era ensinado pelos missionários. A tensão na igreja Batista foi enorme, grupos que eram contrários a doutrina do Espírito Santo se colocaram contra os que acreditam os suecos. No entanto, foi o fato de acreditarem no batismo do Espírito Santo e de atraírem irmãos para as suas acomodações que gerou o conflito. Esses irmãos iam em busca de orações e muitas vezes ocorria um novo culto nessas acomodações. Com isso no dia 12 de junho de 1911 um obreiro da igreja, convocou uma reunião, que resultou na expulsão de dezoito membros da Igreja Batista. E então inicia a criação da Assembleia de Deus, que tem seu início na casa de Celina Albuquerque, lugar onde funcionava a Congregação Batista da Cidade Velha e passou a funcionar a Missão da Fé Apostólica que em seguida passou a se chamar Assembleia de Deus. (FARJADO, 2011)

Quando a Igreja Assembleia de Deus se consolidou o Brasil tinha menos de 25 anos de abolição da escravidão, tendo ainda muitos ex-escravizados, e que continuavam marginalizados, em uma sociedade majoritariamente cristã. Essas pessoas encontraram poucos espaços nas instituições cristã já existentes no país, como afirma Thiago Rafael:

“[...] na época em que a AD é implantada, muitos ex-escravos ainda estavam vivos e nenhuma outra religião naquele momento lhes poderia ser mais conveniente e simpática. Os cultos afros continuavam sendo perseguidos de forma oficial pela política. A igreja Católica, além das missas em latim, era a igreja em que estavam seus antigos senhores e os principais teóricos da legitimação da escravidão”. (KELM, 2015. p. 140).

Mesmo que ao longo do período as igrejas pentecostais tenham aderido ao movimento estadunidense, conhecido como Teologia da Prosperidade, as características iniciais deste movimento abrangiam mulheres, também existia uma presença significativa de afro-brasileiros. Como aponta Ronilson Pacheco: “O evento de Pentecoste é a intervenção anárquica, rebelde e plural do Espírito que age como um *vendaval impetuoso* que preenche todo o local onde homens e mulheres encontravam-se reunidos”. (PACHCO, 2019. p. 84). O movimento pentecostal, que ganha visibilidade com a Assembleia de Deus se tornou um espaço popular, onde essas pessoas passariam a ter voz dentro do ambiente religioso.

DO BRASIL PARA A ÁFRICA: PREPARO E ENVIO DOS MISSIONÁRIOS

A Assembleia de Deus cresceu em grande proporção no país, em pouco tempo quase todos os Estados brasileiros possuíam um Templo da Assembleia. O fato da Igreja ter surgido no auge do período da borracha contribuiu para essa expansão, pois a medida que os seringueiros retornavam para seus estados levavam consigo a nova fé adquirida. Com isso a Igreja chegou primeiramente ao Nordeste e depois ao sudeste. (FARJADO, 2011) No entanto, essa expansão não ficou restrita apenas ao Brasil, a denominação começou a enviar missionários para vários países, tendo com fundamento na passagem de Evangelho Segundo Marcos: “E disse-lhes: Ide por todo mundo, pregai o evangelho a toda criatura”. (Marcos 16:15)

Em 1973, os pastores convencionais se reuniram para tratar sobre a criação da Secretaria Nacional de Missões das Assembleias de Deus (SENAMI). E em 1989 é aprovada a criação da Escola de Missões das Assembleias de Deus (EMAD), na cidade do Rio de Janeiro. No ano de 2015, a SENAMI contava com o cadastro de 2.427 missionários, entre eles, 1.175 estavam ativos tanto no interior

quanto no exterior, e os outros 1.252 se encontravam inativos. Alguns tinham falecidos ou esperando atualizações de dados das suas respectivas igrejas. “Entre 2009 e 2010, o envio de missionários atingiu 42 países, dentre eles Guiné Bissau e Moçambique. Havia parceria com mais de 466 igrejas e 110 secretarias de missões”. (ARAÚJO, 2014. p. 437). Esses dados nos mostram como o crescimento foi rápido e intenso. E aqui podemos pensar em um outro processo de colonialidade, missões saídas do Brasil e que foram para os países africanos. Sabemos que alguns desses países recebem missões batistas de longa data, no entanto, os missionários eram europeus e estadunidenses. Nos anos setenta temos brasileiros iniciando essa jornada (MOREIRA, 2019).

Ainda não sabemos quando a denominação pentecostal passou a se interessar pelo continente africano, no entanto, alguns mapeamentos apontam para o final de 1980 e início de 1990. Assim, possivelmente esse é um momento de grande expansão da Assembleia de Deus em África. Entre tantos missionários brasileiros que foram enviados para África, voltarei minha atenção para o Baiano Itamar Fernandes, um homem negro que está em Moçambique há 21 anos. Ele foi enviado a Moçambique pela Igreja Assembleia de Deus de Feira de Santana- ADEFS, em 1997, onde permanece até a atualidade com a sua família. A trajetória de Itamar Fernandes é marcada por vários conflitos até a sua ida para Moçambique, como ele mostra em seu livro *O plantador de Igrejas: o começo*. 2018. (FERNANDES, 2018).

Através da trajetória de Itamar Fernandes é possível sabermos como ocorria a formação de alguns missionários que foram enviados para o campo missionário. Muitos missionários chegaram ao continente africano sem entender o contexto político do Continente, as informações que eram transmitidas nas escolas de missões eram muito superficiais, seja pelo preparo precário de algumas escolas. O missionário aponta, como veremos a diante, uma ausência de materiais sobre a África no período, ressalta-se que pouco se pesquisava e ensinava sobre o Continente no Brasil naquele momento. A lei que impõe a obrigatoriedade de estudo de ensino da África e cultura afro-brasileira é de 2003. Antes disso, os materiais que existiam eram raros e os que eram utilizados nas escolas ressaltavam sua pobreza e a necessidade de evangelização, tendo em vista que o Continente era retratado com amaldiçoado já que naquele momento muitos países africanos viviam em extrema pobreza, e o contexto era pouco analisado, bem como as razões disso era pouco abordado. Oliva aponta que as representações negativas sobre o Continente remontam a Antiguidade. (OLIVA, 2010)

A África foi o último continente a ser colonizado, e esse processo de colonização deixou grandes marcas no continente citado, seja na questão econômica ou na questão cultural, já que as mentes foram colonizadas e as conversões contribuíram para isso.

Segundo Anderson Oliva, entre as décadas de 1980 e 1990, a África vivenciou um processo de esquecimento mundial, piorando assim as condições financeiras de vários países africanos. O Continente deixou de ser um espaço de disputa direta, tirando-o assim do cenário mundial. A partir de então visão que começou a ser transmitida sobre o continente era de mazelas, fomes, peste e pobreza, generalizaram todo um continente a partir de uma imagem construída pelo ocidente (OLIVA, 2010). E é nesse momento que as Igrejas Cristãs intensificam o envio de missionários para o Continente. Conseguimos analisar as atividades desenvolvidas pelos missionários, e em sua maioria ela consiste em projetos sociais que o estado não supre, assumindo assim uma posição de salvador daquele povo.

Itamar Fernandes atuou em várias funções eclesiásticas até ser enviado para o Continente africano, sendo direcionado no primeiro momento para África do Sul e em seguida para Moçambique, país em que atuou e ainda permanece como missionário. No entanto, a sua trajetória como membro da Assembleia nem sempre foi tão amigável. Em Feira de Santana o pastor teve que lidar com grande oposição por partes de outros líderes, que não aceitavam sua forma de trabalhar. Talvez por conta dessas oposições, em 1996, ele procurou o seu pastor para falar sobre o seu chamado missionário, momento que foi acordado a nova trajetória de Itamar. Em agosto do mesmo mês, Itamar Fernandes foi enviado para uma Escola de Missões em Belo Horizonte, e a partir de então as coisas começaram

a se complicar. Seu cotidiano na escola não foi como o planejado, pois informações sobre Itamar tinha chegado até a liderança da Escola, Itamar conta que:

“Ao chegar à escola já não era bem vista, pois eles ligaram para pesquisar o perfil dos alunos que receberiam e acabaram falando com um pastor ‘amigo’ meu, que questionado quanto a minha flexibilidade em relação a mudanças, dique que achava que eu era meio difícil para ser dobrado, pois como se dizia: ‘papagaio velho não aprende a falar!’”. (FERNANDES, 2018. p. 63).

A reputação de Itamar não era muito honrada e por isso foi privado de algumas coisas, na tentativa de forçá-lo a ceder aos mandos da Escola. O que fica evidente no capítulo *A preparação Transcultural* é que sua formação não foi o suficiente para o envio dos missionários para o campo, as críticas feitas pelo missionário acerca da escola de missão mostram isso claramente, vejamos a seguir:

“Ficamos naquela escola de missões lavando banheiros, capinando, pintando e lavando panelas muito mais tempo que estudando, durante seus meses (é por isso que costumo aconselhar meus colegas pastores a analisarem bem a escola para onde pretendem enviar os seus ‘missionários’, pois no meu entender é questão simples, se você deseja mandar um candidato a missão, vá lá primeiro e conheça a escola detalhadamente, porque muitas escolas usam os candidatos apenas para fazer o trabalho braçal, ao invés de pagar a um servente e ainda dão como desculpa o fato de que é para conhecer o candidato a saber como ele reage às ordens”. (FERNANDES, 2018. p. 65).

Podemos ver a falta de preparo acadêmico e religioso recebida pelo missionário, e como ele outros tantos tiveram uma formação semelhantes. No entanto, talvez essa preparação visasse discipliná-lo e prepará-lo para viver em situações diversas, nesse quesito possivelmente a escola teve êxito. Uma escola cujos professores talvez tivessem as representações citadas de África e queria que seus missionários fossem bivocacionados, assim pudessem construir, fazer serviços de carpintaria dentre outros. Sabemos que nas missões muitas vezes os trabalhos chamados por ele de braçais são realizados pelos missionários. Ressaltamos que ele foi para a escola com a experiência de um pastorado e de sucesso no mesmo, diferente de muitos que vão ainda jovens, e talvez por isso as dificuldades em adaptação bem como as críticas. Por fim, não sabemos que o nome transcultural ele aprendeu na sua vivência ou se aprendeu na própria escola. Nome bastante usando pelas igrejas cristãs e missionários, e que aponta para a conversão em locais de culturas diferentes.

Importante pensar nesses missionários que também são imigrantes como pessoas que constroem um terceiro espaço, o que para alguns autores seria um espaço de cultura desterritorializada e organizaram comunidades paranacionais. E nessas relações há espaço para interação, contestação e confronto. No primeiro tem absorção de elementos da cultura, na segunda há diálogo e no terceiro confrontos de narrativas (SEYHAN, 2001). Na relação dos missionários é possível observar os três movimentos, a interação com a língua, a contestação com alguns costumes que não são religiosos e o confronto com costumes religiosos.

Ele aponta a escola como precária, mas ainda assim Itamar conseguiu se estabilizar em Moçambique, tanto no que tange sua vida eclesial que em sua formação profissional. Itamar fundou uma base missionária em Moçambique, a Missão PIEIA, fundada em 1998 que na atualidade está presente em 208 aldeias em Moçambique, Malawi e Zimbabwe.

A formação deficiente dos missionários assembleianos acerca do continente africano, bem como o desejo de cumprir os objetivos da missão também contribuíram para um imaginário negativo. Tanto para os missionários que foram ao campo bem como para os fiéis que investiram nas formações e

sustentos desses missionários. Essa visão fica bem evidente nos relatórios e nas mensagens dos missionários, como é o caso de um trecho do relatório enviado por Itamar Fernandes:

“Uma pessoa cuja vida é dominada pela feitiçaria por ignorância a respeito de Deus e assim, seu deus é declaradamente SATAN. Seus pertencem são dizimados em oferendas, seus filhos já nascem cativos espirituais e a mesma rotina de vida se repete geração a geração. “De repente” um mensageiro lhe traz a notícia que ele pode ser livre. Livre do medo que mantém a sua fé, livre das imposições demoníacas que lhe obrigam a sacrificar (por vezes o alimento, os filhos, os bens) em troca de um bem estar temporário e momentâneo. A BOA NOVA lhe diz que ele pode ser LIVRE para adorar em espírito e em verdade ao Mulungu, Ndimu Mwene (Deus verdadeiro) que criou os céus e a terra, e que enviou o seu único Filho para lhe libertar através da sua própria morte e ao ressuscitar, este Filho de Deus enviou o mensageiro até ele, para que ele se tornasse DEFINITIVAMENTE LIVRE”. (FERNANDES, 2018).

O relatório citado foi escrito no ano em que o missionário completava vinte anos em Moçambique, o que para eles é de extrema importância relatar os feitos e os resultados de sua estadia no país. Relatam as “lutas espirituais” que dizem vivenciar e com grande orgulho o crescimento das igrejas nas aldeias mais distantes. É notório em sua fala um sentimento de superioridade com relação a sua fé quando ele fala acerca do “Deus verdadeiro”, o que é reflexo da colonização moderna, que mesmo que não tiram a dignidade humana de forma direta, inferioriza suas relações com o sagrado, além das ideias paternalistas que existe por parte dos missionários, a ideia de que por si só esses indivíduos nunca conseguiram alcançar o que bom, tendo em vista a visão maniqueísta, e a forma correta de ser cristão seria que eles apresentam.

Esse discurso se assemelha muito aos relatos do período colonial, onde os missionários católicos relatavam a insubmissão dos africanos, e como suas conversões não eram reais, tendo em vistas que permaneciam em suas práticas locais. No período colonial, a evangelização esteve totalmente relacionada a perseguição das religiões ancestrais, bem como sua marginalização e o uso da teologia da maldição que foi o que fundamentou tal evangelização, apontando o continente como algo amaldiçoado, e essa visão não se perpetuou no mundo missionário ao longo dos anos, e ainda hoje ela se faz presentes nas atuações dos missionários. Esse trecho também nos mostra uma estratégia que é a de utilização das línguas africanas para a pregação, estratégia utilizada pelos católicos desde os séculos anteriores. Assim, é uma forma de aproximar o ensino da palavra as pessoas que não dominam a língua do colonizador.

É notório que existe uma intencionalidade dos próprios missionários ao escreverem seus relatórios, cartas ou até mesmo em suas pregações nos seus países de origem. Como já foi dito, foi criado um imaginário acerca do continente africano, e os missionários, com visões ocidentais, continuaram reproduzindo estereótipos sobre os costumes religiosos dos africanos de forma negativa e quase sempre, generalizada. Isso ocorreu em vários momentos e com missionários das mais variadas instituições cristãs, no entanto entre as pentecostais isso ocorre com mais frequência, partindo do princípio que elas acreditam estar em uma constante batalha espiritual. Como aponta o Pastor Ismael Fernandes, missionário baiano enviado para África do Sul, “É comum em algumas regiões o crente africano ir à igreja e depois participar de rituais de feitiçaria”. Segundo ele, a maioria não é liberta do vício e participa de festas mundanas, “mas a AD tem combatido essa prática e vencido a batalha, conquistando as vidas para Cristo” (FERNANDES, 2003). Vejamos que na sua citação ele menciona crente africano, mesmo sendo missionário em poucos países, sendo assim ele generaliza o cristão e o africano.

Por fim, no trecho também percebemos a estratégia de tradução para as línguas locais algumas

expressões locais e em alguns casos a bíblia e as músicas eram traduzidas.

Analzira Nascimento, ex missionária batista brasileira em Angola, em sua tese de doutorado menciona a sua preocupação com a realização de missões sem colonizar. Para a autora, muitas missões brasileiras na ânsia de querer cumprir as metas da missão acabam repetindo as ações dos europeus no período da colonização. Dessa forma, tratam o outro como inferior, não indagando sobre as suas necessidades dentre outros elementos. Ela desejava estudar as escolas de missões, porque ela queria estudar o modo de fazer missionário. Em que medida a ideia de respeitar a cultura do outro era abordada nas escolas de missões. No entanto, as escolas não contribuíram para que ela realizasse seu objetivo de estudo. (NASCIMENTO, 2013) Ou seja, há ex missionários preocupados com a ideia de colonização, e de respeitar a cultura do outro, bem como a de não tratar de maneira hierarquizada.

PENTECOSTALISMO EM MOÇAMBIQUE

O pentecostalismo brasileiro no continente africano é algo recente, mas que tem ganhado enormes proporções, principalmente em Moçambique, onde implantações de igrejas pentecostais tem ocorrido desde o fim da guerra civil. Tendo em vista o contexto social e econômico do país é possível compreender como essas igrejas ganharam espaços em Moçambique, tendo em vista que suas instalações se dão em grande maioria em cidades com maior índice de pobreza, aproveitando da degradação do tecido social e das poucas investidas do governos nesses locais para implantação dos serviços sociais e consequentemente de suas igrejas. O pentecostalismo brasileiro vai apresentar para os moçambicanos repostas e soluções rápidas para tanta pobreza no país, mostrando que os infortúnios estão ligados diretamente a “batalhas espirituais”, toda publicidade feita em torno das curas, milagres e prosperidades servem de atrativos para a expansão do movimento no país. As Igrejas protestantes brasileira, aproveitaram do liberalismo criado ainda nos anos de 1990 para enviarem os plantadores de igrejas para Moçambique. Como é o caso da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, que nos anos de 1990 vivenciou um dos seus maiores períodos de recrutamento de missionários para o Continente, vendo a África naquele período como uma área fértil para implantação de igrejas, esse recrutamento em massa de missionários também está relacionado a “Década da Colheita”. Esta vivenciada pela assembleia de Deus nesse momento, uma vez a igreja acreditava na crença do fim dos tempos, resultando na volta de Cristo, que estava previsto para o ano de 2000, e com isso via-se a necessidade de converter grande números de pessoas. (ARAÚJO, 200. p. 197).

A teologia pentecostal vê o processo de evangelização no continente africano como um desafio divino para eles, tendo em vista que as igrejas veem a conversão de novos fiéis, que até então não conheciam o cristianismo, como uma vitória. Para as igrejas que enviam missionários para o continente a falta de saúde, de prosperidade e as mortes precoces são consequências da ausência de Deus, criando-se um vínculo entre a teologia da prosperidade e as batalhas espirituais. O discurso de uma África amaldiçoada fica evidente nos imaginários dos evangélicos brasileiros, como afirma a citação a seguir, retirada do jornal *Mensageiros da Paz*:

“[...] Intercessão que os levem a continuar no firme propósito de ganhar a África para Cristo, sendo canais através dos quais o amor de Deus venha a ser derramado, e de tal forma que as maldições ali perpetuadas deem lugar a paz de Jesus em todos os cantos e recantos daqueles grande continente.”
(*Mensageiros da paz*, maio, 1994, p. 24).

Gabriel Gaspar (2006) ao traçar o panorama religioso de Moçambique, vai mostrar como o país é marcado pela diversidade religiosa e cultural além de mostrar os motivos que levaram a tal diversidade. Ele faz uma análise geral sobre as religiões predominantes no país, mostrando como se dá a cultura religiosa de Moçambique e os conflitos em torno disso. Moçambique se tornou palco de

disputa entre as religiões dos livros (Islamismo e cristianismo), assim como tantos outros países africanos, isso fez que com o país se tornasse um lugar de variados costumes e religiões. Pensar o contexto político, social e econômico é fundamental para entender o sucesso das igrejas pentecostais em Moçambique, os vários acontecimentos recorrentes no país, como a guerra civil, a migração em massa para as zonas urbanas, o desemprego, a criminalidade e a corrupção, as igrejas protestantes brasileira, e não apenas, se utilizam desse contexto em seu favor. E os anos de 1990, Moçambique vivenciou um enorme crescimento do movimento pentecostal no país, e os envios de missionários continuam até a atualidade.

POSSIBILIDADES DE ENSINO DE HISTÓRIA DE MOÇAMBIQUE: ESTUDOS DAS MISSÕES COMO FERRAMENTA DIDÁTICA

Ainda hoje, dezesseis anos depois da implementação da lei 10.639/03, que se tornou obrigatório o ensino de cultura e religião afro-brasileiro no Brasil, para as escolas públicas e privadas ainda é um desafio trabalhar sobre a África com um olhar não colonizador. A importância de trabalhar a história dos povos africanos e cultura afro-brasileira são inúmeras, desde a desconstrução do estereótipo criado sobre África e sua diáspora, ao combate contra a intolerância religiosa e racial, que é a realidade de muitos alunos da educação básica, como aponta Queiroz e Junior:

“Desse modo, o ensino de História e cultura africana e afro-brasileira contribui para desmistificações de imagens errôneas sobre povos e descendentes deles, como também para o respeito à diversidade cultural através de ressignificações de identidades e memórias apoiadas em abordagens de caráter interdisciplinar e contínuo na sala de aula”. (JUNIOR E QUEIROZ, 2016. p. 222).

E reconhecendo que as cartas, relatórios dentre outros são fontes que podem construir estereótipos preconceituosos sobre o continente e a sua população. E, que uma parte da população tem acesso a essas fontes e não questionam esses elementos, apenas os absorvem sem ou com pouca criticidade. Esses elementos possivelmente atingem a realidade religiosa brasileira, as religiões de matriz africana também são vistas de maneira estereotipada por algumas igrejas cristãs, e como resultado, pela sociedade de forma geral, contribuindo para uma perpetuação de práticas racistas e discriminatórias. Problematisando dessa forma qual é a contribuição da igreja na perpetuação de práticas racistas e como isso pode ser alterado. Bem como podemos abordar as estratégias dos missionários no continente e mostrando suas negociações que usualmente são pouco evidenciados.

É possível trabalhar com recortes de jornais do período colonial e jornais atuais de igreja que possuem missionários no país, apresentando a visão que as igrejas têm acerca de Moçambique, e entender como as missões atuam ainda hoje de forma colonizadora e como o imaginário de uma África amaldiçoada também é forjado pela religião cristã, além de trabalhar com a desconstrução dos estereótipos criados acerca do continente e de suas relações com os cristãos.

Outro ponto que pode ser abordado a partir do estudo a cerca das missões é entender as rupturas e continuidades entre o movimento missionários do período colonial e do pós-colonial. e isso pode ser estudado a partir de cruzamento de fontes, utilizando o livro didático para entender as missões católicas e protestantes e com os jornais é possível entender como as igrejas veem o continente africano.

Por fim, a partir de Mbembe (2013) é possível discutir como o contato entre os povos africanos e o cristianismo esteve longe de ser brando, mas marcada por violência de ambos os lados, tendo o comportamento insubmisso e agressivo das indígenas como uma das formas de não passividade perante a dominação europeia. Além de entender como o Continente ainda sofre com um processo

colonizador, em que os saberes cristãos eurocêntricos, tentam demonizar os costumes e saberes africanos, e muitas vezes esses saberes sendo difundidos por missionários brasileiros. No entanto, se faz necessário ensinar que os africanos resistem a tais imposições, e que veem o cristianismo como uma religião que pode agregar em seus saberes, e que muitos continuam mantendo suas práticas culturais e seus cultos aos ancestrais. Talvez abordando essa temática que possivelmente interesse aos alunos evangélicos ou protestantes estaremos despertando o afeto e o interesse dele no ensino de história da África.

ALVES, Rubem. **O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender**. - Campinas: Fundação EDUCAR DPaschoal, 2004.

ARAÚJO, Arão Inocêncio Alves de. Sob o domínio do presente, a valorização do tempo presente no pentecostalismo assembleianos brasileiro (1950-1990). In: OLIVA, Alfredo dos Santo; BENATTE, Antônio Paulo. **Cem anos de Pentecostes**: capítulo da história do pentecostalismo no Brasil. São Paulo, Fontes Editorial, 2000. p. 163-209.

ARAÚJO, Isael de. **100 Acontecimentos que marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. Evangélicos podem desbancar católicos no Brasil em pouco mais de uma década. **Folha de São Paulo**, São Paulo: 14 de Jan de 2020. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/247956/referencia-site-abnt-artigos/>>. Acesso em: 31 de Ago de 2020.

CONTE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria Evangélica, 1960.

FERNADES, Itamar. **O plantador de Igrejas**: o começo. São Caetano do Sul: Cumprindo o IDE, 2018.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto (et al.). **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1994.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, Educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, p. 98-109, Jan/Abr 2012.pp.98-109.

Hernandez, Hector Guerra. “Afinal, África é patrimônio de quem? Descolonizar o conhecimento como proposta curricular”. In: **Nossa África, ensino e Pesquisa**. Organizadores Simoni Mendes de Paula e Sílvia Marcus de Souza Correa. – São Leopoldo: Oikos, 2016. pp. 31-41.

HOOKS, Bell. **Ensinado a transgredir**: a educação como prática de liberdade. SP: Martins Fontes, 2013.

GASPAR, Gabriel Dowyvan. Panorama Religioso de Moçambique. IN: _____. **“É dando que se recebe”**: a igreja Universal do Reino de Deus e o negócio da fé em Moçambique. Salvador: UFBA. 2006. p. 22-78.

Itamar Fernandes. **Relatório 2018**. Moçambique, 2018.

JUNIOR, Manoel Caetano do Nascimento; QUEIROZ, Graziella Fernanda Santos. **Ensino de história e cultura africana e afro-brasileira**: experiência docente no ensino fundamental, 2016. XVII Encontro Estadual de História – ANPUH-PB

KELM, Thiago Rafael Englert. **A formação da Assembleia de Deus no Brasil e a abertura para um novo modo de ser**: reflexões a partir de Paul Tillich. Revista Eletrônica Correlatio v. 14, n. 28 - Dez de 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/Laila%20Linda/Downloads/6366-21139-1-PB.pdf>>. Acesso em: 17, Abr. 2020.

MBEMBE, Achille. **África Insubmissa**: Cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial. Mangualde; Ramada: Edições Pedagogo; Luanda: Edições Mulemba, 2013.

Mensageiros da Paz. **África: Um continente que precisa de paz.** Nº 1286, Mai/ 1994. p. 24/5.

Mensageiros da Paz. **Socorro a aidéticos na África:** missão da AD brasileira no continente assiste doentes. Nº 1413, Fev/ 2003. p. 13.

MOREIRA, Harley Abrantes. **“Onde há desespero, a esperança é importante”?** Uma história da expansão do cristianismo batista em Moçambique (1950-1992). Campinas: UNICAMP, 2019.

NASCIMENTO, Analzira. **Missão e Alteridade:** descolonizar o paradigma missiológico. Tese de Doutorado, São Bernardo, Universidade Metodista, 2013.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **Reflexos da África:** ideias e representações sobre os africanos no imaginário ocidental, estudos de caso no Brasil e em Portugal. Editora da PUC Goiás, 2010.

PACHECO, Ronilson. **Teologia Negra:** o sopro antirracista do espírito. Brasília: Novo Dialogo, 2019.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** Buenos Aires: CLACSO. 2005.

Seyhan, A. Writing outside the nation. Princeton: Princenton University, (2001).

50% dos brasileiros são católicos, 31% evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. **G1.** 13 de Jan de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>>. Acesso em: 31 de Ago de 2020.

* Laila Xavier é estudante de história no VI Semestre, pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Bolsista de Iniciação Científica do PICIN/UNEB. Sendo que essa pesquisa é resultado do projeto de iniciação científica *Novas Conquistas "fortalecimento do Evangelho" no(s) no interior(es) da África: As missões brasileiras e Assembleianas em Angola e Moçambique*. Orientado pela Professora Doutora Joceneide Cunha dos Santos.

E-mail: lailaxavierf@hotmail.com

*Joceneide Cunha é professora da Universidade do Estado da Bahia, Doutora em História Social, professora do PPGER/UFSB e do PPGEAFIN/UNEB, membra do NEABI/UNEB. Coordenadora do projeto Novas conquistas e "fortalecimento do Evangelho" no(s) interior(es) da África: As missões brasileiras Batistas e Assembleianas em Angola e Moçambique (1974-2017) financiado pelo PICN/UNEB e FAPESB,

E-mail: jocunha@uneb.br